

# **Ideología del MST, una lucha por la reforma agraria en Brasil.**

William Héctor Gómez Soto.

Cita:

William Héctor Gómez Soto (2007). *Ideología del MST, una lucha por la reforma agraria en Brasil*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-066/1668>

# A IDEOLOGIA DO MST NA LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL <sup>1</sup>

William Héctor Gómez Soto<sup>2</sup>

Luciana Muszinski<sup>3</sup>

## Introdução

Este trabalho analisa as particularidades do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) a partir do próprio discurso do movimento. Para atingir tal objetivo foram analisadas as principais entrevistas de João Pedro Stédile sem dúvida o dirigente mais destacado do movimento. As entrevistas abrangem o período de 1990 a 2005 e têm fontes diversas, pode-se citar entre elas o próprio site do MST e revistas de abrangência nacional como *Estudos Avançados* e de âmbito internacional como a conhecida *New Left Review*.

Para se compreender a ideologia do MST recorreu-se à análise dos significados das palavras-chaves mais freqüentes no discurso de seus dirigentes. A partir dessa análise pretendeu-se identificar a evolução dos significados destas palavras-chave mostrando desta forma a dinâmica do movimento de acordo com a conjuntura política. Essas palavras-chave ao mesmo tempo em que sustentam o discurso do MST permitem compreender as próprias particularidades do movimento. Enfim buscou-se analisar o MST “visto por ele mesmo”.

Na análise das entrevistas de Stédile, percebe-se que há uma evolução em algumas das mais importantes palavras-chave utilizadas na construção do discurso do movimento. Por exemplo, o significado da reforma agrária hoje é muito mais amplo do que no início da década de 1990. Ao dar um significado mais amplo para a reforma agrária pode-se afirmar que ocorre a passagem de um movimento localizado e agrário para a constituição de um movimento de dimensão nacional.

Por outro lado, observa-se também, a constante presença de outras palavras-chave no decorrer dos anos analisados. Um exemplo é a palavra-chave “autonomia”. Autonomia do movimento perante os partidos, governo, Estado e Igreja. Stédile deixa

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte da pesquisa “Teoria e práxis das lutas pela reforma agrária: uma análise do MST” financiada pelo CNPq. Uma versão deste trabalho foi apresentada no II Seminário Nacional: Movimentos Sociais, participação e democracia Seminário Nacional sobre movimentos sociais organizado pelo Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais/CFH/UFSC ocorrido em abril de 2007.

<sup>2</sup> Prof. do Instituto de Sociologia e Política (UFPEL)

<sup>3</sup> Acadêmica do curso em ciências sociais (UFPEL)

isso muito claro na maioria das entrevistas analisadas. Ele reafirma constantemente que o MST é um movimento autônomo.

Estes são somente alguns exemplos de como o discurso do movimento centra-se em algumas palavras-chaves e significados apesar de que há uma compreensível evolução no período.

O MST é um movimento político-social que tem como seu principal objetivo a reforma agrária. Surgiu no final dos anos 1970, a partir de lutas concretas de trabalhadores rurais pela conquista da terra, na região sul. Nessa época começaram a ocorrer uma série de lutas localizadas, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Essas lutas localizadas foram articuladas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), que já congregava as lutas por terra no campo. Como resultado deste processo de lutas surge o MST em janeiro de 1984, em Cascavel, cidade de Paraná. Um ano depois, em janeiro de 1985, realizou-se o 1º Congresso Nacional do MST, na cidade de Curitiba, PR, o que legitimou mais ainda o movimento.<sup>4</sup>

Ao observar a crescente popularidade do MST como um movimento de massas, pode-se dizer que este seja o mais notável movimento nacional na atualidade. O objetivo deste trabalho é analisar o *grande discurso histórico* (MARTINS, 2003), que é o discurso político dos militantes que lutam por transformações sociais profundas. Neste trabalho, João Pedro Stédile, através de seu discurso, será o representante deste *grande discurso histórico*.

### **O discurso do MST**

A primeira constatação na análise realizada foi a metamorfose do discurso de Stédile. O que era dito em 1990 não é mais o mesmo do que foi dito em 2006. De uma forma mais clara, muitos dos conceitos que Stédile utilizava nas primeiras entrevistas, no início da década de 1990, já não são mais utilizados, ou os seus significados foram se modificando com o passar do tempo. No lugar de uns conceitos, foram surgindo outros. Alguns conceitos, como, por exemplo, o de *Reforma Agrária*, são utilizados sempre, mas houve uma mudança em seus significados. A partir desse trabalho, se constatará que o significado de “reforma agrária” se tornou muito mais amplo com o passar dos anos. Se num primeiro momento a reforma agrária era apenas considerada como

---

<sup>4</sup> Para uma análise mais ampla sobre o surgimento do MST, ver COLETTI, Claudinei. MST, luta pela terra e neoliberalismo.

democratização da terra e organização da economia agrária finalmente é vista como um mecanismo de transformação radical de toda a sociedade brasileira.

Constatou-se também que outros conceitos, assim como o de *autonomia*, persistem em quase todas as entrevistas, deixando claro que são conceitos fundamentais para Stédile e, para o movimento.

Essas mudanças nos conceitos utilizados por Stédile, podem ser explicadas por seus respectivos contextos, isto é, “cada momento do discurso pela reforma (e do diagnóstico de que deriva) corresponde a um problema (modificado) que já não é exatamente o mesmo da motivação de um discurso anterior e de suas conseqüências práticas e transformadoras” (MARTINS, 2003).

E é exatamente isso o que será apresentado neste trabalho. A partir deste, o leitor terá uma clara visão dessas modificações, extinções e inserções de conceitos. Além disso, o discurso de Stédile será apresentado com ênfase nos seus respectivos contextos, o que pode facilitar o entendimento e muitas vezes explicar o porquê essa metamorfose ocorre.

Na primeira entrevista analisada, datada nos primeiros meses de 1990, cuja fonte é a revista *Teoria e Debate*, Stédile coloca o *movimento de massas* como essencial para a reforma agrária, pois como ele mesmo disse “nada no mundo acontece espontaneamente”, por isso é preciso que haja uma resistência generalizada. Neste contexto *resistência* é a principal palavra-chave, a que define a forma principal de luta do movimento para atingir seus objetivos.

O fato de existirem poucos “companheiros mortos” aparece como sendo um atestado de que o MST está no caminho certo. Nas palavras de Stédile “nenhum militante ou dirigente perdeu a vida. Isso é prova de que nossa forma de fazer movimento de massas está correta. Nos últimos dez anos já perderam a vida no campo mais de oitocentos camponeses. Agora quem morreu? Os companheiros que não puderam se organizar”. Então, a *organização*, a *mobilização* e a *resistência* aparecem como o caminho correto para a realização da reforma agrária.

Outras duas palavras-chave que aparecem frequentemente no discurso de Stédile associadas às anteriormente mencionadas são: *Cooperação agrícola* e *agroindústria*. Se as primeiras representam as formas de luta, as segundas aparecem como políticas específicas. A cooperação representa a organização da produção nos assentamentos. Por isso ele afirma que a “política oficial do movimento é estimular o máximo a cooperação agrícola, nas suas várias etapas, porque os investimentos em comum para desenvolver

essa cooperação agrícola exigem uma base político-ideológica mais avançada”. Além de ser a política oficial do movimento para a organização da produção a cooperação agrícola exigiria uma “superestrutura” superior àquela que corresponde ao individualismo econômico.

Junto com a cooperação agrícola a “agroindústria” aparece como a forma mais avançada da produção. Interessante é que nesta entrevista Stédile polemiza contra os setores “atrasados” que consideram que agroindústria é questão da burguesia. Nas palavras dele “para esses setores atrasados que ficam pregando que a agroindústria é coisa da burguesia, em vez de vender o óleo para fritar ovo vamos vender saquinho com um quilo de soja, para ver se eles conseguem fritar ovo.” Cabe enfatizar ainda que Stédile neste primeiro momento delimita sua fala ao âmbito rural.

Vale a pena salientar ainda que a palavra-chave “movimento de massas” é utilizada em quase todas as entrevistas de Stédile do período analisado. No discurso do MST é fundamental a insistência de defini-lo como um *movimento de massas*. Definir o MST como um movimento de massas significa afirmar que esta é a única via para a realização de mudanças radicais.

Já em agosto de 1997, em uma entrevista concedida à revista *Estudos Avançados*, nota-se que o discurso de Stédile fica restrito ao âmbito rural, tratando a *reforma agrária* como o freamento da concentração da propriedade de terra e a distribuição desta. O *latifúndio* é uma apropriação de um bem da natureza e que por isso é considerado um pecado. Segundo ele os latifúndios por “cercar, imponer un falso concepto de derecho absoluto de propiedad y subyugar a su propietarios legales, se caracterizan como pecado, desde la perspectiva social de organización de los bienes de la naturaleza.” Reforma Agrária para Stédile significa um novo modelo de desenvolvimento baseado na pequena agricultura. É esta reforma agrária que resolverá dois problemas da sociedade brasileira: o desemprego e a violência na cidade.

É por isso que devem ser expropriados os latifúndios improdutivos e organizar a agricultura a partir da pequena propriedade. O caráter da reforma agrária refere-se nesse momento à organização da agricultura como um todo. Na medida que os camponeses reconheçam esse objetivo se estaria efetuando a passagem da consciência ingênua para a consciência social. Contribuir nessa passagem é o papel do MST enquanto movimento social.

### **Socialismo cristão**

O socialismo cristão aparece como horizonte do movimento. Stédile se confessa como um socialista cristão: “Foi na igreja que aprendi os valores humanitários da fraternidade, igualdade, e uno a isso o socialismo, que é o resgate da igualdade e da justiça social, também na economia e no acesso aos bens. Sonhamos em construir uma nova sociedade no Brasil que consiga resolver os problemas de todos” (*Revista Estudos Avançados* 11 (31), 1997).

Nesta última entrevista, do ano de 1997, Stédile se refere pela primeira vez a “formas de pressão”, uma palavra-chave que se torna constante a partir desse momento. Esse conceito provém da morosidade dos governos com a reforma agrária. “Não temos uma única forma de luta, pois desde que sejam massivas podem ter eficácia. O que temos notado, é que as formas mais eficazes têm sido as ocupações de latifúndio e dos prédios do Incra, quando a burocracia interna do órgão emperra as desapropriações ou a liberação de dinheiro.(...) Então, temos que utilizar todas as formas de pressão para garantir que o governo de fato acelere essas medidas.”

Percebe-se nas entrevistas de 1999, que no início desse ano (20 de janeiro), Stédile se preocupa muito com a organização de um *novo modelo econômico*, “que distribuya la renta, elimine las desigualdades sociales y recupere la soberanía”, abrindo espaço para uma verdadeira reforma agrária.

Já no final de 1999 (1º de dezembro), Stédile diz que *democracia* é participar ativamente na definição dos destinos do país, que democratize o capital financeiro, os meios de comunicação e a educação; que controle as grandes fortunas, realizando desta maneira uma verdadeira reforma agrária. Como se viu, Stédile articula o conceito de “reforma agrária” com o de “democracia”, legitimando, desta forma, o discurso pela reforma agrária, pois coloca, implicitamente, que esta seria a vontade do povo, caso a democracia no país fosse de caráter participativo, aliás, para ele, é assim que a democracia deveria ser. Já há no final deste ano, um sentido mais amplo de reforma agrária, pois como Stédile disse, esta implica democratização do capital estrangeiro, dos meios de comunicação e da educação.

Em entrevista para a *Revista Chiapas* (2000), Stédile deixa claro que a sociedade precisa extinguir o latifúndio se realmente quiser acabar com a desigualdade social e com outros problemas sociais. Nota-se que *latifúndio* é um conceito essencial no discurso do dirigente. A *reforma agrária* é um meio de se fazer isso, pois é sinônimo de distribuição de terra. Realmente, há uma ampliação deste conceito. Explica que a

derrota do latifúndio só ocorrerá a partir de *outro modelo econômico*, que atenda as necessidades da população e seja contra a desigualdade social, para que todos tenham as mesmas oportunidades. Um modelo econômico que reorganize a economia brasileira, e para isso é necessário que haja uma mobilização da sociedade.

Para isso é preciso fazer manifestações nas cidades para que haja um debate na cidade e conscientização de que o modelo atual precisa ser derrotado, pois ele só trás miséria. Ainda no ano de 2000 em entrevista ao *Correio da Cidadania*, coloca que é necessário que haja *mobilizações de massa* para mudar a correlação de forças em nosso país. Novamente Stédile não esconde que o movimento luta por valores socialistas, pois é um *movimento social* que luta contra a desigualdade social. O MST é um movimento socialista, mas que se nutre da bandeira pela reforma agrária. Porém este movimento socialista que é o MST acabaria caso se realizasse a reforma agrária. Nas palavras de Stédile “por isso dizemos ao presidente que, se quiser acabar com o MST, faça a reforma agrária. Se distribuir terras aos quatro milhões de sem-terra o MST acabou.”

Isto é, o movimento existe porque não há a distribuição de terras e para que haja um movimento é preciso que haja *mobilizações*, e que as mobilizações dos sem terra sejam direitos legítimos da democracia.

Os objetivos do movimento vão muito além da luta pela terra, pois está explícito que o MST deseja um novo modelo econômico com um “projeto popular”, isto é, deseja um governo totalmente diferente do vigente na época.

Passando para as entrevistas do ano de 2001, as duas primeiras são datadas no mês de janeiro. Na primeira (11 de janeiro) Stédile diz “avanzamos también en la construcción de una nueva propuesta de reforma agraria, vinculada a los intereses de toda la población y no solamente de los sin tierras. Una reforma agraria que signifique el quiebre por las raíces del problema agrario. Una propuesta de reforma agraria que represente igualdad social, justicia en el campo y desarrollo económico bajo control de los trabajadores.” Novamente se confirma a ampliação do conceito de reforma agrária para o movimento.

Agora o MST não é mais aquele movimento que acha que para se fazer a reforma agrária só é necessária a distribuição de terras, agora o movimento sabe que o problema é muito mais amplo. Definitivamente, não é mais um movimento somente pela reforma agrária, mas sim um movimento pelo fim das desigualdades sociais de todo o povo brasileiro.

Por isso o MST continuará com a *mobilização* não importando o governo que estará no poder, pois as mudanças sociais só ocorreram quando houve mobilização (*Comunita Italiana*, 2001). Em janeiro de 2002 Stédile começa dizendo que seria necessário unir forças contra o modelo (FHC) e construir um *novo projeto* para o Brasil, “que reorganize a agricultura para o mercado interno, garanta futuro para o agricultor, distribua renda e que, de fato, democratize a propriedade de terra, desapropriando os grandes latifúndios.” E que esse novo modelo seja livre da dependência externa e do monopólio dos bancos, tentando ressaltar assim, a dependência do Brasil por causa da dívida externa.

### **A luta de massas, a democracia interna e a autonomia**

A *luta de massas* é uma palavra chave central no discurso do MST. Ela significa o poder para conquistar a terra e alterar a correlação de forças. A participação de todos no movimento é muito importante, e as decisões no movimento são totalmente descentralizadas. Em quase todas as entrevistas Stédile se refere à *autonomia do movimento*, mas a partir desse ano (2002) o conceito de autonomia é pautado muitas e repetidas vezes, como em uma entrevista do mês de janeiro, em que deixa claro a autonomia do movimento em relação ao Estado e ao governo, aos partidos, à igreja, ou à qualquer instituição, pois dessa forma se pode manter a unidade de um movimento. Pode ser que as eleições, com um dos principais candidatos sendo o Lula, seja um dos motivos dessa reafirmação o de autonomia, por causa da relação histórica de apoio do PT ao MST.

Em março deste mesmo ano, em entrevista a revista *Isto É*, Stédile coloca que para acontecer a reforma agrária é necessário que haja um trabalho de *mobilização de massas*, pois Lula sozinho não consegue fazer a reforma agrária, é preciso através dessa mobilização denunciar o modelo agrícola. Stédile confirma nesta entrevista que não importa quem estará no poder, as mobilizações continuarão de qualquer jeito. Explica que a natureza do movimento é de movimento de massa, é um movimento que mesmo cometendo erros deve ser dinâmico. Entende-se que o MST é também um movimento que conscientiza a sociedade sobre as desigualdades sociais.

Já no mês de abril, em entrevista a *America Latina En Movimiento*, Stédile afirma que seria necessário formar uma *aliança popular* não somente contra o neoliberalismo, mas também contra o capitalismo. As *mobilizações de massas*, para Stédile, deveriam ser estimuladas em um processo de conscientização dos povos, pois

somente com lutas de massa é possível alterar a correlação de forças. Seriam necessários ainda, *novos métodos* na forma de informar e conscientizar a população. Para finalizar, Stédile defende a *articulação internacional* como importante para a acumulação de idéias e experiências e de representatividades populares, para com o tempo gerar uma espécie de assembléia mundial dos povos. Pode-se notar que Stédile almeja desta forma, uma espécie de “globalização” dos movimentos contra as desigualdades sociais, dos movimentos como o MST.

Em entrevista do mês de setembro, Stédile começa dizendo que enquanto houver o *latifúndio* haverá pobreza no meio rural. Seria necessário fazer grandes *mobilizações de massa* para derrotar o latifúndio, é necessário que o povo se organize e lute por mudanças sociais. Para Stédile, o Brasil precisa de um *projeto popular* que reorganize a economia, a utilização de recursos econômicos, naturais e técnicos, para que cada brasileiro possa ter assegurado seus direitos e condições de vida. Diz que a verdadeira *democracia* é ter consciência de “nossa condição social” e lutar para o melhor funcionamento da sociedade em todos os aspectos, é ter oportunidades iguais, e não ter seus direitos apenas escritos na Constituição.

Por último Stédile deixa claro que o MST não se mobiliza por ideologia, mas sim por *necessidades sociais*. Então todas as reivindicações do movimento, como democratização dos meios de comunicação, das escolas, de mudança no modelo econômico, são todas *necessidades sociais*, para Stédile. Percebe-se que o objetivo do MST com certeza já não é mais somente a luta pela terra.

### **Invasão e ocupação**

Stédile deixa clara a diferença de *invasão* de *ocupação* (dezembro de 2002). Diz que *invasão* é invadir a terra pública para proveito próprio, é o que os fazendeiros fazem. “Ocupação é realizada por movimento social, é um ato de massas, de pressão social sobre o latifúndio, para que o governo aplique a lei e desaproprie aquele latifúndio.” Isto é, o MST não invade, mas sim, ocupa o que é dos trabalhadores rurais por direito. Para ele os problemas sociais dependem de medidas de *política econômica e social* que de fato resolvam os problemas. Stédile explica que *Estado e governo* existem para que em nome da maioria tomem medidas para corrigir as distorções que o poder econômico vai criando no processo de acumulação. Explica que o *Alca* seria a perda da soberania e submissão total aos EUA. Observa-se então que a uma ampliação do leque de preocupações do MST. Já não é mais só o problema da terra. Agora também são os

problemas globais e as relações econômicas internacionais.

Em entrevista concedida em março de 2003, ao *Jornal dos Economistas*, Stédile coloca que o *debate* com a sociedade é essencial para denunciar a herança do neoliberalismo e encontrar a melhor saída. Como sempre, Stédile deixa bem claro que a relação do MST com o governo seria de *parceria e de autonomia*; *parceria* para se fazer mudanças nas condições de vida do povo e dos sem-terras e, *autonomia* para que o movimento organize e mobilize o povo, pois o governo não consegue fazer mudanças sem o povo organizado. Deixa claro que o movimento faria muitas *mobilizações* para derrotar o latifúndio e a favor de um novo modelo agrícola.

Em outra entrevista do mês de abril (2003) coloca que seria necessária uma *reforma agrária* que “democratize não apenas a propriedade da terra, mas também as agroindústrias, o comércio agrícola, que esteja casada com um modelo de desenvolvimento que priorize o mercado interno e o abastecimento de alimentos”. E também que garanta o acesso e a produção das sementes.

A relação do movimento com o governo seria de *parceria* nos programas de melhoria de condições de vida do povo e o combate do modelo econômico neoliberal e; de *autonomia* para preservar o seu papel de conscientizar e organizar os pobres do campo para que lutem e se mobilizem por seus direitos. Explica o conceito de *soberania alimentar* desenvolvido pela Via Campesina que é recuperar o princípio de cada povo, em seu lugar específico, de produzir seus próprios alimentos.

Diz que o movimento lutará por um *novo modelo agrícola* que reorienta a produção para alimentos e para o mercado interno, que democratize as agroindústrias. Explica que a campanha a favor de *sementes transgênicas* tem como objetivo aumentar as taxas de lucro das oito maiores multinacionais. Essas empresas buscam através do monopólio das *sementes transgênicas* a venda de agrotóxicos e a dependência dos agricultores. Ele afirma que o movimento é a favor da *biotecnologia*, pois ela é a aplicação prática do que a ciência desenvolve sobre o conhecimento das plantas e animais. Explica a criação da Via Campesina que surgiu como uma articulação internacional dos movimentos camponeses de todo mundo e que os *subsídios* são importantes para distribuir renda entre os pequenos agricultores e evitar o êxodo rural, estimular a produção de alimentos e garantir a soberania alimentar em cada país, mas os subsídios devem ser combatidos como forma de regular o comércio agrícola internacional.

### Os símbolos

No mês de maio (2003), Stédile explica em entrevista ao *DCE da Unicamp*, que os símbolos que eles usam – da bandeira, do boné, dos mártires – visualizam a mística do projeto, que é o cultivo do ideal que eles sonham. Nos eventos, eles cultivam a mística do ideal, através da *cultura*. Diz que a *ocupação* implica várias coisas, envolve muitas pessoas, distribuindo tarefas e responsabilidades, educando o povo como se organizar, se disciplinar, como viver em sociedade com direitos iguais. Explica que para avançar, é preciso que os movimentos sociais - o *MST* – continuem com sua missão histórica de conscientizar e organizar os trabalhadores para que lutem por seus direitos. A defesa contra a violência vinda do latifúndio é utilizar formas massivas de *mobilização e organização*.

As duas próximas entrevistas provêm do site *Alainet* e da *Revista Movimiento*, respectivamente e ambas são datadas no mês de junho de 2003. Na primeira, Stédile começa dizendo que o discurso de que as *sementes transgênicas* são mais produtivas e lucrativas provém da ambição das empresas de controlar a agricultura brasileira e ter monopólio das sementes. Coloca novamente o movimento como a favor da *biotecnologia*, mas uma biotecnologia responsável com o povo e o futuro do meio ambiente. Por último coloca a importância de um *debate* com a sociedade, com os consumidores, para que pressionem o governo e os parlamentares.

Já na entrevista concedida a *Revista Movimiento*, inicialmente, Stédile comenta como surgiu o nome "Movimento dos Sem Terra", que não foi denominado pelo próprio movimento, mas sim pela mídia. Diz que o movimento é que tomou a decisão de ser um *movimento autônomo*. Diz ainda que desde o início o movimento sabia que a luta pela reforma agrária só poderia avançar por uma *luta de massas* com o maior número de pessoas possível. Stédile diz que os ativistas do MST fazem um trabalho de *conscientização*, visitando aldeias e comunidades onde existem camponeses sem terras. Para ele um dos princípios do MST é que tudo deve ser *descentralizado*.

Stédile explica que "assentamentos rurbanos" são assentamentos não nas profundidades do campo, mas sim na cidade, em pequenos terrenos. Afirma que a luta (pela terra) continuará sendo feita pela *ocupação de terra*, e que espera que não sejam tão espetaculares; e que essas ocupações devem ter caráter de massas. Coloca a *luta* do movimento como *social e política*. Para Stédile, para se alcançar uma *reforma agrária popular* é necessário enfrentar o programa neoliberal e não somente, o que não se limita a só ocupar terras. Diz que no *âmbito internacional* o contexto é mais aberto

politicamente, e que um ponto que eles têm posto em acordo no plano internacional é que se deve fazer uma *reforma agrária* que democratize a terra como base para a democracia política e para construir uma agricultura de outro tipo. Stédile diz que todo o povo, independente de seu tamanho, tem direito de produzir seus próprios alimentos, o comércio agropecuário deve estar subordinado a este direito. Stédile comenta que há muitas correntes no movimento que defendem o *meio ambiente*, e que, a maioria desses grupos os tem ajudado, incluindo o Greenpeace. Explica que enquanto nosso país for dependente financeiramente não será possível construir modelos econômicos que satisfaçam as necessidades da população. Por último, Stédile diz que o movimento é *autônomo* perante o PT, e que em épocas de eleições eles apóiam esses candidatos, pois esse é o principal partido de esquerda.

Em agosto de 2003, Stédile diz que o debate que o MST quer fazer com a sociedade é garantir comida, trabalho e bem estar para todos. Diz ter certeza de que é possível construir *outro modelo agrícola*, em que o sujeito possa ter sua pequena ou média propriedade e possa mecanizar suas atividades, um modelo que distribua territorialmente a população e garanta uma vida saudável para todos.

Para Stédile seria fácil fazer uma *reforma agrária* com um governo popular comprometido com esta. Explica que os *movimentos sociais* cumprem um papel civilizatório, pois organizam o povo, dão consciência à luta social. Onde o povo não consegue organizar movimentos sociais será uma barbárie. O papel do *MST* é organizar e conscientizar os pobres para que a saída da pobreza seja de forma civilizada. O *MST* faz um trabalho através de sua militância social que é organizar os pobres, elevar o nível de consciência. Explica que a palavra *latifúndio* vem do latim e significa uma grande extensão de terras de propriedade de uma só pessoa. Em geral, no Brasil, grandes propriedades são as de mais de mil hectares, e improdutivas as que não cumprem suas funções sociais, que é mensurável por sua baixa produtividade, por não respeitar as leis trabalhistas e o meio ambiente. Diz que estaria sendo construída uma *aliança popular*, a Articulação dos Movimentos Sociais, que realizaria uma grande jornada social, em defesa da soberania nacional, por um projeto de desenvolvimento que tenha trabalho e distribuição de renda. O *MST* quer um projeto que construa uma sociedade baseada em valores da tradição humanitária, da igualdade, da solidariedade e justiça. Esse seria um *projeto popular* para o Brasil.

### **A reforma agrária de novo tipo**

Em setembro de 2003, em entrevista a revista *Caros Amigos*, Stédile explica o que seria a reforma agrária da época de Jango, a *reforma agrária clássica*, que consistia em democratizar a propriedade da terra próxima ao mercado consumidor, tornando os camponeses produtores e consumidores de mercadorias, gerando assim, um processo de crescimento econômico. Inclui agora um novo conceito em contraponto ao último, o de *reforma agrária de novo tipo*, que tem por objetivo desenvolver núcleos urbanos, para que aglutinem as famílias para que elas tenham acesso mais rápido ao que a sociedade já produz. Aponta que levando a *agroindústria* para o meio rural de forma cooperativa, pode-se distribuir renda e fazer com que o agricultor aumente esta e que a *agricultura* deve estar voltada para a alimentação e para o mercado interno. Para Stédile, para se pensar um *novo modelo agrícola*, tem que se discutir primeiro o *projeto de desenvolvimento do País*. Explica ainda que *neoliberalismo* é a liberdade total para as empresas, foi o que aconteceu no governo FHC, que as empresas internacionais e financeiras tomaram conta do comércio agrícola.

É no ano de 2003 que Stédile começa a falar em “reforma agrária de novo tipo”. Em entrevista concedida a revista *Carta Capital* no mês de novembro, Stédile disse que agora *Reforma Agrária* para o movimento é juntar a distribuição de terra, agroindústria, assistência técnica e educação. É democratizar a terra, democratizar a terra é desconcentrar a propriedade, ou seja, desapropriar os grandes latifúndios improdutivos. O MST luta contra o *latifúndio improdutivo* que está em cerca de 120 milhões de hectares, produz muito pouco, não gera empregos nem renda, nem divisas de importação.

Em duas últimas entrevistas do ano de 2003, dos sites *Revelação Online* e *Portal Popular*, Stédile explica a origem do conceito *Reforma Agrária*, que foi desenvolvido pela “burguesia industrial da Europa, que desenvolvia uma política de Estado para derrotar a aristocracia rural européia, dividir a terra, transformar os camponeses em pequenos proprietários e, portanto, em pequenos produtores rurais e pequenos consumidores das mercadorias produzidas pela indústria.” A tarefa do *MST*, na visão de Stédile, é juntar pessoas com consciência para que lutem por um mesmo ideal. Dessa forma se transforma em uma força social, por isso é necessária a organização, organizar as vontades e energias para um mesmo objetivo, isso é que é o *MST* (*Revelação Online*, 2003).

### **Agrobusiness: um modelo perverso**

Para o MST o *agrobusiness* como um modelo perverso e desigual, que faz com que alguns fazendeiros fiquem cada vez mais ricos, mas não cria empregos. Cada vez que aumenta a produção e melhoram os preços dos grãos, há uma maior concentração da propriedade de terra e desemprego. A agricultura familiar e a reforma agrária podem criar muitos *empregos* de uma vez e de uma forma barata. Stédile explica que se o governo faz um plano de reforma agrária para um milhão de famílias, são criados três milhões de empregos, pois são três adultos por famílias. Isso poderia também gerar uma demanda de produtos industriais capaz de alavancar o *emprego* nas cidades e propiciar uma melhor distribuição de renda. Isto é, Stédile coloca a reforma agrária como uma opção ao governo de um modelo que aumentaria os empregos, que é uma carência em nossa sociedade (*Portal Popular*, 2003).

### **Um movimento social autônomo**

A classe trabalhadora, para Stédile, teve uma grande conquista ao construir um movimento organizado, autônomo, com a capacidade do *MST*, este se transformou mais social e político e menos corporativo. Menos camponês, mas não porque planejaram, mas porque a sociedade moderna é assim. Essa é sua justificativa para a mudança do movimento, que é bem clara neste trabalho (23 de janeiro de 2004).

O *trabalho* é a base da inserção do indivíduo na sociedade em que vive. O sujeito que não tem direito nem de trabalhar, não tem mais a condição de cidadão. E mais, são necessárias mudanças no jeito de conscientizar o povo, nos métodos de trabalho organizativo, para que desse novo jeito brote um vigoroso *movimento de massas* que consiga sair da crise em que estamos vivendo. Para Stédile, seria necessária uma articulação de todas as *forças sociais*, por um novo projeto para o país (25 de fevereiro de 2004).

O Brasil precisa de uma política de investimentos que priorize a indústria de consumo de massa, adote medidas de distribuição de renda, valorizando os salários; para que assim se tenha um amplo mercado interno consumidor. Stédile diz ainda que a *Reforma agrária* seria a alternativa mais barata, rápida, e atinge a população mais pobre e desprovida, na busca de uma política de pleno emprego. Desta forma coloca novamente a política de reforma agrária como opção ao governo. Diz ainda que é tarefa do MST fazer uma *pedagogia de massas*, isto é, estimular o povo para que se conscientize, se mobilize, debata um novo projeto para a sociedade e lute. Sem

mobilização popular não haverá mudanças. Como Stédile disse várias vezes, “não há mudanças sem mobilização” (O Estado de São Paulo, 29 de fevereiro de 2004).

Em uma entrevista datada no mês de março (2004), Stédile explica que os movimentos sociais, assim como o MST, são processos de *organização social coletivos*, e não são frutos de vontades pessoais. Deixa claro ainda que o país precisa de um *projeto* que organize a economia para a melhoria e bem estar do povo.

O movimento gostaria que o governo tratasse a reforma agrária como um plano de desenvolvimento que esteja ligado a implantação de agroindústrias, de escolas, com garantia de assistência técnica aos assentados. Finalizando, Stédile mostra o interesse do movimento de chamar a sociedade para discutir um *novo projeto* para o país (7 de abril de 2004).

“Estamos dizendo que é preciso ter mais ousadia para ampliar as desapropriações dos latifúndios. Se ficar só de reunião, o governo não muda nada. Eles sabem que somente a mobilização social gera mudanças na sociedade e no governo” (*Resistir*, abril 2004). É o que coloca Stédile, indignado com a morosidade do governo em relação à reforma agrária.

No mês de setembro de 2004, coloca que a sociedade precisa debater e construir um *novo modelo de desenvolvimento* que organize a produção e a economia voltando-se para a solução dos problemas dos cidadãos, e não só à acumulação de capital. É necessário estimular um *movimento de massas* unitário, que consiga se contrapor à hegemonia do capital financeiro. Para estimular e organizar as lutas sociais é preciso um *trabalho de base*, isto é, a militância social se dedicar a fazer o trabalho de conhecimento e de organização do povo.

Em entrevista do mês de outubro de 2004, Stédile afirma que a luta não implica só a terra, mas sim a *transformação cultural*, a transformação da cultura capitalista. Coloca o MST como uma *aliança* entre o campo e a cidade, para que o agricultor não tenha que ir para as favelas da cidade. A *forma de luta* do movimento são os acampamentos, sua massificação.

### **De movimento social agrário para movimento político nacional**

O *MST* é um movimento social que luta pela *reforma agrária de novo tipo* e por uma nova sociedade. Para isso tem que enfrentar os inimigos da classe dominante, nesse sentido o movimento é político, mas não partidário. Deixando claro novamente sua autonomia em relação ao PT. O movimento tenta construir nos assentamentos a

*autonomia* para que pressionem o Estado para que cumpram suas obrigações.

Desde a Revolução Francesa, o objetivo da reforma agrária sempre foi radicalizar a democracia e o Estado republicano tem que garantir a todos o direito da terra se nela quiserem trabalhar. Por isso o *MST* é um movimento republicano, e não socialista na acepção do termo, apesar de querer mudanças e ser radical no sentido de ir às raízes dos problemas. A reforma agrária é apenas uma bandeira republicana para desenvolver o nosso país para que todos tenham trabalho, casa escola e renda para comer. O movimento luta por uma *reforma agrária de novo tipo*, que divida a terra para construir novas relações de produção e sociais, e que divida o capital (*Rebellion*, janeiro de 2005).

Nota-se outra mudança em um dos conceitos de Stédile, pois ele não coloca mais o movimento como socialista como ele dizia em uma entrevista ao *Correio da Cidadania*, no ano 2000, agora ele fala que o movimento é republicano.

### **Conclusões**

Este trabalho evidenciou a evolução do *MST* de um movimento localizado de reivindicações exclusivamente agraristas para um movimento social e político com um amplo leque de preocupações acerca dos problemas da sociedade brasileira

As palavras-chaves mencionadas neste trabalho como: resistência, mobilização e luta de massas, ocupações, invasões caracterizam o movimento enquanto a suas formas de luta. Enquanto que reforma agrária, cooperação agrícola e agroindústria indicam os objetivos do movimento. Os dois últimos são objetivos imediatos que se referem à organização da produção dos assentamentos. O primeiro, isto é, o de reforma agrária primeiramente também era considerado um objetivo imediato. Reforma agrária significava apenas a distribuição de terras para os agricultores sem-terra. Porém posteriormente este objetivo se torna mediato porque implica a transformação da sociedade brasileira.

Como se observou a reforma agrária é uma palavra-chave ou conceito que muda de significado e dimensão. De um significado que inicialmente definia um objetivo restrito de distribuição de terra a reforma agrária hoje expressa um objetivo amplo que caracterizam o *MST* como um movimento social e político nacional. Na última etapa do período analisado o conceito de reforma agrária passa a ser substituído pelo conceito de democracia. Reforma agrária se torna sinônimo de democracia. Ou de outra forma, a reforma agrária é uma expressão da democracia. A reforma agrária é a democratização

da propriedade da terra, mas que resulta indissolúvel da democratização da sociedade brasileira.

Neste trabalho dá para perceber algumas contradições do MST no período analisado. Contradições que fazem parte do processo de metamorfose do movimento, mas também pode-se afirmar que trata-se da busca da sua identidade. Por um lado o MST se debate entre a identidade de um movimento especificamente agrário e a identidade de um movimento social. Como movimento agrário que luta pela reforma agrária tende a desaparecer na medida que a reforma agrária seja realizada. Claro que aqui entram as diferentes significações de reforma agrária. No sentido restrito de entrega de terras às famílias sem terras o desaparecimento do movimento estaria mais “próximo”. Porém a vida do MST se prolonga quando se ampliam seus objetivos, e antes disso, quando a reforma agrária adquire um significado amplo e é sinônimo de democracia. Esta é considerada como uma síntese de transformações radicais na sociedade brasileira. Então se pode concluir que o MST enquanto movimento agrarista que luta pela reforma agrária praticamente foi substituído por um movimento político, este sim, verdadeiramente autônomo. Daí as críticas de alguns especialistas que caracterizam o MST como um partido político e não como um movimento social.

### **Referências:**

- CARVALHO, Horácio Martins. A emancipação do movimento no movimento de emancipação social continuada (resposta a zander navarro). In: SANTOS, Boaventura de Souza (org.) Produzir para viver – os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MARTINS, José de Souza. O sujeito oculto. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- MARTINS, José de Souza. Reforma Agrária o impossível diálogo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- NAVARRO, Zander. “Mobilização sem emancipação” - as lutas sociais dos sem-terra no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Souza (org.) Produzir para viver – os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- NAVARRO, Zander. O MST e a canonização da ação coletiva (resposta a Horácio Martins Carvalho). In: SANTOS, Boaventura de Souza (org.) Produzir para viver – os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002
- STÉDILE, João Pedro. Os sem-terra. Revista Teoria e Debate, n. 9, jan./fev./mar. 1990. Disponível em: < [http://www.fpa.org.br/td/colecao\\_td.htm](http://www.fpa.org.br/td/colecao_td.htm)>. Acesso em: 20 out. 2005.

**Quadro 1 – Fontes de documentos e entrevistas com João Pedro Stédile que foram citados no artigo**

<b>Data</b>	<b>Nome da entrevista/documento</b>	<b>Fonte</b>
Janeiro/fevereiro/março de 1990	“Os sem-terra”	Revista Teoria e Debate, n° 9 <a href="http://www.fpa.org.br/td/colecao_td.htm">http://www.fpa.org.br/td/colecao_td.htm</a>
27 de agosto de 1997	“O MST e a questão agrária”	Estudos avançados 11 (31): 69-88, 1997.
20 de janeiro de 1999	“FHC cambió Brasil para peor”	<a href="http://www.alainet.org/active/706&amp;lang=es">http://www.alainet.org/active/706&amp;lang=es</a>
1° de dezembro de 1999	Entrevista com João Pedro Stédile	<a href="http://www.correiocidadania.com.br/ed162/politica.html">http://www.correiocidadania.com.br/ed162/politica.html</a>
2000	“Latifundio: el pecado agrario brasileño”	<a href="http://www.ezln.org/revistachiapas/No9/ch9stedile.html">http://www.ezln.org/revistachiapas/No9/ch9stedile.html</a>
2000	Entrevista com João Pedro Stédile	<a href="http://www.correiocidadania.com.br/ed205/politica2.htm">http://www.correiocidadania.com.br/ed205/politica2.htm</a>
11 de janeiro de 2001	“La lucha por la reforma agraria: Los desafíos para el nuevo milenio”	<a href="http://www.rebellion.org/sociales/stedile_desafios110101.htm">http://www.rebellion.org/sociales/stedile_desafios110101.htm</a>
2001	“Um dia tudo isso vai mudar”	<a href="http://www.comunitaitaliana.com.br">http://www.comunitaitaliana.com.br</a>
11 de janeiro de 2002	“2001: Balanço de uma Reforma Agrária que não existiu”	<a href="http://www.alainet.org/active/1684&amp;lang=es">http://www.alainet.org/active/1684&amp;lang=es</a>
Janeiro de 2002	“Los movimientos sociales A paso de carga”	<a href="http://www.puntofinal.cl/513/sintiererra.htm">http://www.puntofinal.cl/513/sintiererra.htm</a>
28 de março de 2002	“João Pedro Stédile, líder do MST, sobre as cenas desta página: ‘Foi uma cagada’”	<a href="http://www.terra.com.br/istoe/1696/brasil/1696_joao_pedro_stedile.htm">http://www.terra.com.br/istoe/1696/brasil/1696_joao_pedro_stedile.htm</a>
9 de abril de 2002	“Los largos caminos de la movilización mundial”	Revista America Latina En movimiento n° 351 <a href="http://alainet.org/images/alai-25a-w.pdf">http://alainet.org/images/alai-25a-w.pdf</a>
22 de setembro de 2002	“Entrevista de João Pedro Stedile, dirigente do Movimento dos Sem Terra”	<a href="http://www.resistir.info">http://www.resistir.info</a>
23 de dezembro de 2002	“Entrevista de João Pedro Stédile, líder do MST brasileiro”	<a href="http://www.resistir.info">http://www.resistir.info</a>
Março de 2003	“MST e o governo Lula: parceria sem perder a autonomia”	Jornal dos Economistas n° 164 <a href="http://corecon-rj.org.br/pdf/je_marco2003.pdf">http://corecon-rj.org.br/pdf/je_marco2003.pdf</a>
	“O governo precisa ter	<a href="http://www.alainet.org/active/376">http://www.alainet.org/active/376</a>

30 de abril de 2003	coragem de enfrentar o latifúndio”	<a href="#">8</a>
7 de maio de 2003	“João Pedro Stédile fala dos 19 anos do MST”	<a href="http://www.dceunicamp.hpg.ig.com.br/entrevistas/070503stedile.htm">http://www.dceunicamp.hpg.ig.com.br/entrevistas/070503stedile.htm</a>
13 de junho de 2003	“O perigo dos transgênicos, os interesses das multinacionais e a manipulação na mídia”	<a href="http://www.alainet.org/active/3875&amp;lang=es">http://www.alainet.org/active/3875&amp;lang=es</a>
24 de junho de 2003	Entrevista com João Pedro Stédile	Revista Movimiento
8 de agosto de 2003	Entrevista com João Pedro Stédile	<a href="http://www.cress-ms.org.br/site/news_vews.php?tg=2&amp;pg=79&amp;txt=1060373869">http://www.cress-ms.org.br/site/news_vews.php?tg=2&amp;pg=79&amp;txt=1060373869</a>
Setembro de 2003	Entrevista com João Pedro Stédile	Revista Caros Amigos, edição especial de setembro de 2003
24 de novembro de 2003	“João Pedro Stédile, do MST, evita críticas ao governo e reafirma a esperança em Lula”	Revista Carta Capital nº 268, edição 26 de novembro de 2003 <a href="http://www.cartacapital.com.br/edicoes/2003/11/268/1119/">http://www.cartacapital.com.br/edicoes/2003/11/268/1119/</a>
2003	“Raízes do latifúndio”	<a href="http://www.revelacaoonline.unibe.br/cultura03/latifundio.html">http://www.revelacaoonline.unibe.br/cultura03/latifundio.html</a>
2003	Entrevista com João Pedro Stédile	<a href="http://www.portalpopular.org.br/movimento2003/mst/mst-14.htm">http://www.portalpopular.org.br/movimento2003/mst/mst-14.htm</a>
23 de janeiro de 2004	Entrevista com João Pedro Stédile	<a href="http://www.galizacig.com/index.html">http://www.galizacig.com/index.html</a>
25 de fevereiro de 2004	“É preciso mudar muito”	<a href="http://www.alainet.org/active/5672&amp;lang=es">http://www.alainet.org/active/5672&amp;lang=es</a>
29 de fevereiro de 2004	Entrevista com João Pedro Stédile	O Estado de São Paulo <a href="http://www.estado.com.br/editorias/2004/02/29/index.xml">http://www.estado.com.br/editorias/2004/02/29/index.xml</a>
31 de março de 2004	“O MST considera-se um descendente das Ligas”	<a href="http://www.pernambuco.com/diario/2004/03/31/especialgolpede64a4_0.html">http://www.pernambuco.com/diario/2004/03/31/especialgolpede64a4_0.html</a>
7 de abril de 2004	“Carta do MST”	<a href="http://www.alainet.org/active/5937&amp;lang=es">http://www.alainet.org/active/5937&amp;lang=es</a>
8 de abril de 2004	"Governo está fazendo muito pouco"	<a href="http://resistir.info">http://resistir.info</a>
2 de setembro de 2004	“Os desafios atuais da esquerda brasileira”	<a href="http://www.alainet.org/active/6696&amp;lang=es">http://www.alainet.org/active/6696&amp;lang=es</a>
15 de outubro de 2004	“Reforma agrária em Brasil: La lucha por la tierra”	<a href="http://www.rie.cl/?a=3111">http://www.rie.cl/?a=3111</a>
3 de janeiro de 2005	“MST procura o bom burguês”	<a href="http://www.rebellion.org/noticia.php?id=9634">http://www.rebellion.org/noticia.php?id=9634</a>